

LÍNGUA INGLESA, GLOBALIZAÇÃO E OS PROCESSOS DE IN/EXCLUSÃO

Rafaela Silva Thomaz¹,
Fernanda Wanderer²

RESUMO: O artigo examina sentidos atribuídos à aprendizagem da Língua Inglesa (LI) na contemporaneidade. As bases teóricas advêm do pós-estruturalismo, em especial do pensamento de autores como Michel Foucault e Zygmunt Bauman. O material escrutinado consiste em redações de professores de LI interessados em ocupar uma vaga docente em uma instituição de ensino no RS. O exame do material, sustentado pela análise do discurso foucaultiana, mostrou a presença de dois enunciados: “Para se adaptar ao mundo em que vivemos, saber inglês é uma obrigação” e “As pessoas que não sabem inglês estão em desvantagem em relação às que sabem”. O estudo mostra verdades presentes no discurso pedagógico associadas aos mecanismos de in/exclusão.

Palavras-chave: Língua inglesa, globalização, in/exclusão, pós-estruturalismo.

ABSTRACT: The article examines meanings attributed to the learning of the English Language (IL) in contemporary times. The theoretical bases come from post-structuralism, especially from the thought of authors such as Michel Foucault and Zygmunt Bauman. The scrutinized material consists of essays by LI professors interested in occupying a teaching position at an educational institution in RS. The examination of the material, supported by the analysis of Foucault's discourse, showed the presence of two statements: “To adapt to the world we live in, knowing English is an obligation” and “People who do not know English are at a disadvantage compared to those who you know”. The study shows truths present in the pedagogical discourse associated with in/exclusion mechanisms.

Keywords: English language, globalization, in/exclusion, post-structuralism.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa que objetivou examinar sentidos atribuídos à aprendizagem da Língua Inglesa (LI) na contemporaneidade. As bases teóricas advêm do campo pós-estruturalista em sua vertente associada ao pensamento de Michel Foucault. Como materialidade empírica foram examinadas redações de licenciados em LI que participaram de processos seletivos, entre os anos de 2016 a 2018, para ocuparem vagas docentes em uma instituição que oferece ensino profissional no Estado do RS. Discutir sentidos produzidos pela aprendizagem da LI tem sido objeto de algumas pesquisas na área da Educação, como as desenvolvidas por Ferreira e Mozzillo (2020), Leite (2013), Longaray (2009) e Miranda (2015). Examinando propagandas veiculadas

¹ Licenciada em Letras e Mestre em Educação (UFRGS). E-mail: raffinhast@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Educação, Mestre em Educação e Licenciada em Matemática. E-mail: fernandawanderer@gmail.com

pelos Cursos de Idiomas, a investigação de Ferreira e Mozzillo (2020) mostra o quanto tais propagandas, endereçadas ao público que não domina a LI, geram a ideia de que aqueles que não a dominam estão deixando de usufruir muitas oportunidades no trabalho, nos estudos e na vida pessoal. Além disso, posicionam os sujeitos não conhecedores da LI como ultrapassados, limitados e até mesmo desinteressados.

O estudo de Leite (2013) buscou identificar como a LI é representada em textos da revista *Veja*, na seção Educação, entre 2005 e 2010. A pesquisadora coletou matérias que versam sobre a LI, observando que as mesmas a representam de vários modos: passaporte para “subir” na vida pessoal; forma de comunicação do mundo globalizado e conhecimento impossibilitado de ser aprendido na escola regular. Além dos artefatos midiáticos e publicitários, a forma de vida escolar pode ser tomada como um espaço profícuo para a produção de sentidos sobre a aprendizagem da LI. Por meio de estudo etnográfico, Longaray (2009) examinou como alunos de uma determinada escola de Porto Alegre/RS reproduzem valores incorporados ao ensino de inglês. Afirma que foi possível identificar a crença no inglês como língua do desenvolvimento e das possibilidades futuras, quase sempre atrelada a uma imagem de sucesso econômico. A pesquisadora também percebeu a força da hegemonia da LI propagada pelos Estados Unidos em relação àquelas usadas como forma de comunicação em outros países, como Inglaterra, Canadá ou Austrália.

A investigação de Miranda (2015) enfocou o ensino da Língua Estrangeira (LE), em especial, da LI no Brasil, a partir do exame das relações entre as políticas educacionais nacionais e internacionais e as contribuições de pesquisas que analisaram as vozes sociais de pais, alunos e da mídia sobre o ensino de LE. Os resultados mostram que há, no sistema escolar, um “esvaziamento” (MIRANDA, 2015, p. 17) da função social da LI enquanto disciplina do currículo, tendo como uma de suas causas as lacunas e contradições oriundas de questões político-econômicas acompanhadas pela globalização da economia. O resultado desse panorama é o ensino nas escolas de uma língua carregada de atribuições inerentes às relações de trabalho e de produção de renda, em um complexo sistema que restringe a formação dos educandos para atuarem de acordo com as necessidades ditadas pelo capital. Em linhas gerais, os estudos investigaram discursividades produzidas sobre a aprendizagem da LI em espaços como mídia e escola, mostrando como proporciona acesso ao mercado de trabalho e, conseqüentemente, obtenção de melhores salários e condições de vida. Isso significa dizer que os resultados apontam que dominar o Inglês é uma das

habilidades necessárias para que as pessoas possam exercer suas funções laborais em um mercado de economia global. Como uma qualificação importante, a LI é percebida, portanto, como uma *mercadoria* (ALMEIDA, 2015) que se adquire pelo investimento de recursos econômicos. Assim, a empregabilidade e a mudança de vida pela educação e, no caso deste estudo, pela aprendizagem de inglês “delega ao aluno a responsabilidade pela aprendizagem desse idioma para poder receber em troca emprego, salário e ascensão socioeconômica” (ALMEIDA, 2015, p. 40). Considerando a revisão de literatura realizada, percebemos alguns deslocamentos entre os trabalhos já desenvolvidos e a nossa pesquisa, materializada no presente artigo. Os estudos já empreendidos sobre os sentidos atribuídos à aprendizagem da LI na contemporaneidade tomaram como materialidade empírica artefatos da mídia, propagandas publicitárias, documentos oficiais e concepções de alunos de escolas públicas. Nossa investigação examinou enunciações de professores de LI interessados em lecionar em uma escola profissional do RS. Além disso, nos distanciamos dos trabalhos anteriores pelo referencial teórico escolhido, aqui circunscrito às perspectivas pós-estruturalistas, que serão destacadas na próxima seção.

AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Em termos teóricos, a pesquisa ancora-se na perspectiva pós-estruturalista em sua vertente vinculada ao pensamento de Michel Foucault (WILLIAMS, 2005). Esta perspectiva, como mostram estudos de Williams (2005) e Silva (1999), pode ser tomada como um campo teórico bastante ambíguo e indefinido, impossibilitando precisões sobre o período de sua emergência ou o autor responsável por sua criação. Porém, de um modo geral, Foucault e Derrida são posicionados como os filósofos que exerceram muita influência na constituição dessa perspectiva (SILVA, 1999). Uma das questões centrais para o pós-estruturalismo é a concepção da linguagem como sistema de significação, a qual aproxima-se muito da noção foucaultiana de discurso. Em efeito, nas obras *Arqueologia do Saber* (2002) e *A Ordem do Discurso* (2001), Foucault problematiza as noções de discurso e enunciado (e o papel da linguagem) destacando seu caráter atributivo, ou seja, é pela linguagem que atribuímos sentidos às coisas e às experiências que vivemos (VEIGA-NETO, 2003). Em outras palavras, o sentido não está puramente no universo, não existe qualquer correspondência direta e fixa entre as palavras e as coisas. Segundo Veiga-Neto (2003, p.

109), Foucault dá “as costas para a busca de uma suposta razão pura e [volta-se] para a análise das relações da linguagem consigo mesma e das relações entre a linguagem e o mundo”. E segue destacando: “dado que cada um de nós nasce num mundo que já é de linguagem, num mundo em que os discursos já estão há muito tempo circulando, nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos.” (VEIGA-NETO, 2003, p.110).

Como tem sido recorrentemente citado nos trabalhos que discutem a concepção foucaultiana de discurso, o filósofo não exprime uma definição fixa e clara sobre esse conceito. Na obra *Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2002), menciona que os discursos são constituídos por enunciados e podem ser tomados como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”, afastando-se da ideia de que seriam “um puro e simples entrecruzamento de coisas e palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras” (2002, p.56). E, na sequência, expressa: “Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2002, p.56). Ao refletir sobre discurso, Foucault (2002) discute também a noção de enunciado, uma vez que compreende o próprio discurso como um conjunto de enunciados. Desta forma, de acordo com Fischer (2001, p.203), ao mencionarmos o discurso publicitário, pedagógico ou educacional, “estamos afirmando que cada um deles compreende um conjunto de enunciados, apoiados num determinado sistema de formação ou formação discursiva: da economia, da ciência política, da medicina, da pedagogia, da psiquiatria”. A análise dos enunciados, para Foucault (2002), não seria uma descrição linguística daquilo que foi dito, mas uma busca pelas formas que fizeram uma série de signos obter uma existência específica. “A análise enunciativa só pode se referir a coisas ditas, a frases que foram realmente pronunciadas ou escritas [...] é uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação” (FOUCAULT, 2002, p.126). Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar.

Seguindo na esteira de Foucault (2002), tomando o enunciado não como uma simples formulação, mas como uma modalidade repetível, que circula por diferentes redes de significação e se modifica, pode-se elencar alguns exemplos na área da LI. Enunciados como “A LI é essencial em nossa sociedade” ou “Deve-se aprender inglês o mais cedo

possível” estão presentes em nossa sociedade, amparados por diversas discursividades e por relações de poder. Pensar sobre as “coisas ditas”, como proposto por Foucault (2002), exige o esforço de refletir sobre os enunciados além de um conjunto de palavras, nos atentando para descrever e fazer aparecer os sentidos que os acompanham e marcam nossa sociedade, instituem verdades e regulam os sujeitos escolares. Como expressam Luiz et al (2019, p.432), Foucault nos ajuda a compreender que as sociedades possuem seu regime de verdade, isto é, “os tipos de discursos que são aceitos e funcionam como verdadeiros, ou o status daqueles que estão incumbidos de dizer o que é aceito como verdadeiro. Isso é evidenciado por meio das atitudes, valores, linguagem, etc. em discursos que acabam aprisionando os sujeitos” As ideias teóricas até aqui apresentadas serviram como base para a realização de nossa investigação que objetivou analisar sentidos atribuídos à aprendizagem da LI na contemporaneidade. O material de pesquisa consistiu em redações de candidatos a uma vaga de professor de inglês em uma escola profissional do Rio Grande do Sul, entre 2016 e 2018. A instituição tem como propósito educar para o trabalho em atividades do comércio de bens, serviços e turismo. Disponibiliza Ensino Médio, cursos de Graduação e Pós-Graduação, além de cursos livres, nas modalidades EAD e presencial, nas áreas de Comércio, Comunicação, Design, Educação, Gastronomia, Gestão, Informática, Moda, Trânsito e Turismo. Para participar do processo seletivo de professores, os interessados devem inicialmente acessar o portal da empresa na internet e fazer um cadastro, preenchendo as informações referentes aos seguintes aspectos: dados pessoais; cargos desejados; experiência profissional; formação; cursos e certificações. Após finalizar o cadastro, o candidato poderá consultar as oportunidades na empresa e demonstrar interesse pelas vagas disponíveis. As vagas são ofertadas de acordo com a necessidade da instituição, selecionando-se candidatos das mais variadas áreas e formações para atuarem em setores diversos, como, por exemplo, jurídico, recursos humanos, controladoria e secretaria, entre outros.

Com a possibilidade de trabalhar em uma das 40 unidades da instituição no Rio Grande do Sul, o candidato à docência em inglês deve apresentar, dentre outros requisitos, curso de licenciatura na área da LI. Além disso, a instituição informa que a competência linguística do candidato deverá ser comprovada durante as diversas fases do processo de seleção que envolve: análise do cadastro, entrevista, redação e miniaula. Nossa pesquisa enfocou apenas a análise das redações que, naquele período, deveria ter a extensão mínima

de 20 linhas e abranger um dos seguintes assuntos: 1) o ensino de inglês na atualidade; 2) a importância da Língua Inglesa nos dias de hoje; 3) a importância do ensino da Língua Inglesa na educação infantil. A redação, como gênero textual discursivo, é uma das formas de o sujeito se manifestar *na* e *pela* linguagem, escrevendo sobre sua existência e realidade no mundo (PRADO; MORATO, 2016). A partir da decisão de utilizá-las como empiria, entramos em contato com a instituição de ensino e pedimos autorização à coordenadora do setor de Recursos Humanos, que era também responsável pelo processo seletivo. Recebemos orientações para elaborar um documento expondo as intenções de pesquisa e apresentá-lo em uma reunião com o Núcleo de Educação Profissional da instituição. Após essa reunião, constataram que o trabalho não demandaria a disponibilização de informações estratégicas e então ficou acordado que receberíamos as cópias das redações digitalizadas, tendo autorização de usá-las na pesquisa, mantendo em sigilo a identificação da instituição.

Após receber as redações digitalizadas por e-mail – inicialmente um conjunto de 50 escritas, ao qual se somaram posteriormente mais 20 redações –, procedemos ao tratamento das mesmas em três etapas: organização do material, transcrição e tradução. A etapa de organização consistiu na catalogação das redações. Para isso, reunimos as cópias dos textos em uma mesma pasta virtual, onde criamos também um documento que nos auxiliou a listá-los e numerá-los. Cada redação recebeu um código composto pela letra R (de redação) seguido de um número que expressa a ordem que recebemos o texto, gerando as seguintes denominações: R1 (primeira redação que recebemos), R2 (segunda) e, assim, sucessivamente. A segunda fase do processo metodológico consistiu na transformação do material, traduzindo as redações do inglês para o português. Inspiradas em Bredemeier (2010), utilizamos a palavra *transformação* para descrever os procedimentos realizados no *corpus* deste estudo. A autora afirma que o pesquisador precisa estar atento para o fato de que sua ação sobre o material de pesquisa, transcrevendo-o e traduzindo-o, consiste sempre na *transformação* do mesmo, pois compartilhamos da compreensão de que texto e tradução são processos intimamente ligados. Em *Quase a mesma coisa*, Eco (2007) defende que traduzir não é nada mais do que dizer quase a mesma coisa em outra língua. Para o linguista, pode-se dizer sempre quase a mesma coisa, mas nunca a mesma coisa em uma tradução. A partir disso, defende a noção de tradução como negociação, uma vez que ao tradutor caberá a decisão de cortar ou acrescentar alguma coisa a partir de um texto

original. Dessa forma, durante a realização das traduções das redações mantivemos constante a preocupação de comunicar e reconstruir o sentido dos textos escritos pelos candidatos, atentando para os fatores que poderiam interferir na legibilidade ou na *leiturabilidade* (RESENDE; SOUZA, 2011) do texto original, empreendendo, quando necessário, as negociações possíveis na tarefa de compensar perdas e acréscimos e fazê-los, ainda que parcialmente, equivalentes aos textos em inglês.

Salientamos que, no início desse processo, consideramos importante reproduzir a cópia exata das redações, sendo extremamente cuidadosas quanto à observação de ortografia, gramática e pontuação. Conforme a operação analítica sobre o material foi se efetivando, a preocupação em manter os textos tais quais os originais, passou a dar lugar à preocupação com a leitura que seria realizada a partir dos excertos. Como a investigação não ocupou um viés direcionado para questões mais pertinentes à área da linguística, consideramos desnecessário manter pequenas discordâncias e desvios gramaticais. Foi a partir de então que empregamos pequenas correções, muito mais preocupadas com as questões de leitura do texto. Ainda, considerando que este artigo é escrito na Língua Portuguesa, achamos importante que as redações aparecessem nesse idioma. Finalizado o processo de tradução, iniciamos o movimento de análise, buscando pelas recorrências e dispersões nas enunciações sobre a aprendizagem da LI dos candidatos à vaga de professor na escola profissional que se constituiu no *locus* da investigação. Na próxima seção será apresentado o resultado desse exercício analítico.

APRENDER A LI E OS PROCESSOS DE IN/EXCLUSÃO

A análise das redações apontou que os candidatos assumem como uma verdade a necessidade de aprender a LI para poder integrar fenômenos contemporâneos como a globalização e a constante evolução dos meios de comunicação e informação. Isso nos levou a perceber a constituição de um enunciado: “Para se adaptar ao mundo em que vivemos, saber inglês é uma obrigação”. Alguns excertos das redações nos ajudam a visualizar esse enunciado:

Atualmente, o ensino de línguas estrangeiras ocupa uma posição de extrema importância e é bem aceito por uma grande parte da sociedade. Muitos são os benefícios que envolvem o indivíduo que domina outras

línguas. **Em um mundo tão globalizado e aberto a novas situações de convívio, uma linguagem universal está presente e ocupa o lugar entre alunos de várias idades e culturas em um único objetivo que deve ser estar conectado com o resto do mundo.** Quanto ao fato de escolher a segunda língua não se pode negar o papel econômico acerca da Língua Inglesa, uma vez que negócios e tratados com outros países são efetivos com o inglês como idioma padrão, um ato que acontece com clareza ao redor do mundo, dando mais um papel de extrema importância para o idioma em questão. (...) **Assim, a língua inglesa assume um papel de união diante deste gigante mundo cultural cada vez mais globalizado e acessível a todos.** (R 60, grifos nossos). O inglês é o segundo idioma mais falado no mundo, sua importância é tão grande tanto para viagens quanto para negócios. **A globalização tornou mais fácil a comunicação e o contato com todas as culturas e com os países de todo o mundo. No entanto, para que isso aconteça, o inglês é a principal ferramenta.** Pesquisas médicas também podem ser compartilhadas. Um bom exemplo é a gripe que prejudicou drasticamente a China uns anos atrás. Os chineses realizaram estudos sobre a gripe e depois os traduziram para o inglês, tornando o conteúdo acessível a outros médicos e cientistas quando tivessem que lidar com o problema. [...] No Brasil, muitas empresas multinacionais exigem o inglês para cargos altos. Tem se tornado cada vez mais comum nos anúncios de emprego: "inglês é necessário". **Isso porque a sociedade está evoluindo para o nível mundial, as crianças pensam em tecnologia o tempo todo e o centro de toda a tecnologia não está em um país único, então a língua comum é o inglês.** Para ampliar as oportunidades e pensar grande, o inglês é essencial hoje em dia. (R 51, grifos nossos). "Não é a mais forte das espécies que sobrevive, ou a mais inteligente, mas a que pode se adaptar" - Charles Darwin. Estou começando este texto com esta citação porque considero o inglês parte da adaptabilidade no mundo de hoje. **Considerando o desenvolvimento de alta velocidade de novas tecnologias, negócios no exterior e internalizações de empresas, o inglês tornou-se não apenas importante, mas uma ferramenta essencial para a vida de hoje.** Por exemplo, em algumas empresas, o inglês é tão básico quanto conhecer o Excel. Por isso, as pessoas que não sabem inglês estão em desvantagem em relação às pessoas que sabem. Essas pessoas, que não consideram o inglês importante, logo terão que mudar sua mentalidade e começar a aprender a se adaptar ao novo mundo, caso contrário, estarão fora do mercado. O inglês não é apenas importante para os negócios, também é necessário para a comunicação. Todo mundo tem aquela "viagem dos sonhos", Paris, EUA, Londres ou qualquer outro lugar, e para ir para o exterior, o inglês é muito necessário. **Se você não sabe como pedir comida ou fazer qualquer pergunta, a viagem dos sonhos pode se tornar um pesadelo. Então, se as pessoas quiserem resistir e se adaptarem para o mundo de hoje, o inglês é uma obrigação.** (R 66, grifos nossos). Durante as últimas décadas, com o mundo se tornando mais e mais conectado, a língua inglesa nunca foi tão importante como é agora. Empresas e universidades de todo o mundo têm o inglês como uma ferramenta essencial, exigindo um alto nível de linguagem para funcionários e alunos. Seja viajando a negócios ou simplesmente como turista, você deve conhecer as estruturas básicas em inglês, aeroportos, restaurantes, cafés, farmácias, etc. A fim de obter uma bolsa de estudos no

exterior, isso pode mudar o seu futuro para sempre, a língua inglesa é absolutamente necessária também. Ter o emprego dos seus sonhos em uma grande empresa também dependerá de quão competente você está falando inglês. **A globalização veio para ficar, então cabe a você se adaptar ao mercado de trabalho e melhorar suas habilidades de comunicação em um idioma estrangeiro. Seja um trabalhador dedicado e adicione Inglês à sua vida, as chances são: você estará um passo mais perto do sucesso!** (R 68, grifos nossos)

Destacam-se nas redações uma série de enunciações que apontam para a LI como uma ferramenta para o sujeito ser, estar e agir no mundo. Pensando nos efeitos da globalização, como fenômeno que redimensiona as fronteiras culturais e espaço-temporais, em conjunto com as tecnologias de informação e comunicação, percebemos que os candidatos enxergam a necessidade de falar inglês com base em outros dois enunciados: “aprender inglês é importante para conhecer outras culturas” e “aprender inglês é relevante para estar conectado com o resto do mundo”. Em efeito, os fluxos correntes, os avanços tecnológicos, as transformações, a globalização, a necessidade de conectar-se, de estar interagindo e aprendendo constantemente são características da contemporaneidade, como analisou Bauman (2005). O autor, que operou com os conceitos de mundo sólido e mundo líquido, menciona o tempo em que ideias, relações, pensamentos e relacionamentos eram sólidos. O século XX, com suas conquistas tecnológicas, embates políticos e guerras, contemplou o declínio dessa forma de vida.

A pós-modernidade trouxe consigo a *fluidez* do líquido, ignorando divisões e barreiras, diluindo certezas, crenças e práticas. Analisando a “modernidade líquida”, característica do mundo pós-globalizado, onde a fluidez da tecnologia digital também define as identidades e as relações sociais, Bauman (2005) lembra que vivemos em um tempo mutante, no qual as antigas instituições, que antes ofereciam referências de comportamento, estão em fluxo permanente. Nas palavras de Bauman (2005, p. 322), “[...] a nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições”. Almeida et al (2009, p. 32), mostrando a crítica de Bauman à sociedade moderna, afirmam que “se a solidez era a argamassa do projeto ordenador, a fluidez é o que melhor caracteriza as estratégias de vida na sociedade contemporânea.” Em outras palavras, nossa sociedade presencia a permanente desmontagem das tradições, dos relacionamentos, dos empregos, que tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desregulados e flexíveis. Ou seja,

por serem líquidos, são incapazes de manter as formas. “Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades ‘autoevidentes’”. (PALLARES-BURKE, 2004, p. 322).

É por meio da LI, afirmam os candidatos, que poderemos nos relacionar com pessoas de diferentes nacionalidades e visões do mundo. Nota-se que, ao dizer que o mundo globalizado está cada vez mais acessível a todos, se revela uma carga de responsabilização daqueles sujeitos que ainda não jogam sob as regras desse fenômeno. Não partilhar desse conhecimento significaria cometer um deslize, uma vez que esse indivíduo não cumpriria com o objetivo maior: *estar conectado com o resto do mundo*. Assim, percebe-se a incumbência de o sujeito manter-se conectado, pois uma vez que o acesso é para todos, não estar conectado é uma culpa individual. A expansão das barreiras geográficas não é apenas uma questão de vontade, como acaba por tornar-se uma obrigação ao sujeito contemporâneo. As redações examinadas nos mostraram que a LI é vista não apenas como uma ferramenta essencial para o contato entre todas as culturas, mas também para o acesso à informação qualificada. Os estudantes de um curso superior que não dominam a LI não acessarão os saberes produzidos nos grandes centros, ficando à margem do processo, pois “é preciso ter acesso ao conhecimento científico produzido mundialmente”, como aponta o candidato da redação 51, ao citar o caso das pesquisas sobre a gripe desenvolvidas pela China. De acordo com ele, a globalização é a responsável por tornar mais fácil o contato com os países, possibilitando a todos acessarem os achados de estudos médicos, desde que os mesmos sejam traduzidos para o inglês. Fica subentendido, entretanto, que as pessoas que não dominam a LI não poderão acessar os conhecimentos produzidos mundialmente, ficando à margem dos avanços das ciências e, por conseguinte, deficitários em sua formação.

Na sociedade da informação, em que as últimas tendências, avanços da ciência e acesso à erudição são mediadas pelo uso da internet, o conhecimento da LI se mostra como uma dessas ferramentas que proporciona a fruição de diversos benefícios. A partir disso, observa-se a potencialidade da internet para acessar informações, bem como para viabilizar e incentivar os processos de comunicação intra e interculturais. Assim, os destinos dos diferentes povos ao redor do globo estão cada vez mais interligados e imbricados uns nos outros, globalizando culturas e economias (RAJAGOPALAN, 2003).

Pensando nos excertos dos candidatos à docência em inglês, é possível observar que a noção de que a LI nos cerca se mostra bastante evidente. As redações demonstram, ainda, que há uma preocupação dos candidatos em acompanhar um fluxo bastante intenso de informações e produtos midiáticos que estampam a LI no trabalho, nas prateleiras do supermercado, no lazer, no carro ou em casa. Percebe-se, também, que essa preocupação se relaciona com a intenção de *status* que o sujeito adquirirá por estar por dentro das últimas novidades em termos de músicas, filmes, séries e *reality shows*, entre outros que demonstram o quão “atual”, “descolado” e “moderno” ele pode ser. Dadas essas características da contemporaneidade, cabe dar atenção para o enunciado mencionado no início dessa seção: “Se as pessoas querem se adaptar ao mundo de hoje, o inglês é uma obrigação”. Pelo já exposto, poder-se-ia pensar nas fortes relações entre tal enunciado e a necessidade de nos adaptar, outra marca da sociedade contemporânea. Para tanto, lançamos mão de uma passagem de Bauman (2001), onde o sociólogo explica três importantes conceitos que guiam os sujeitos modernos:

Socialmente, a modernidade trata de padrões, esperança e culpa. Padrões — que acenam, fascinam ou incitam, mas sempre se estendendo, **sempre um ou dois passos à frente dos perseguidores**, sempre avançando adiante apenas um pouquinho mais rápido do que os que lhes vão no encalço. E **sempre prometendo que o dia seguinte será melhor do que o momento atual**. E sempre mantendo a promessa viva e imaculada, já que o dia seguinte será eternamente um dia depois. E **sempre mesclando a esperança de alcançar a terra prometida** com a culpa de não caminhar suficientemente depressa. A culpa protege a esperança da frustração; a esperança cuida para que a culpa nunca estanque. (BAUMAN, 2001, p. 91, grifos nossos).

Conforme mostra o sociólogo, a existência humana é uma forma sempre inacabada: ela é uma tarefa, uma missão, uma responsabilidade. Em outras palavras, ser moderno significa estar em movimento. É nesse cenário que os sujeitos se sentem obrigados a investir na aprendizagem da LI, pois ela é percebida como uma ferramenta indispensável para ser e agir em um mundo em que se está sempre um passo atrás. Consoante com essa noção, Lorenzi (2014) analisa a revista de negócios *Você/SA*, evidenciando a circulação de um discurso que desqualifica de forma geral os profissionais, apontando para a necessidade de que estejam em constante qualificação. A pesquisa mostrou que as ideias contidas em quase todas as reportagens do material analisado (capas e matérias da revista, no período de 2012 a 2013) reproduziam a noção de que o indivíduo é entendido como

permanentemente desqualificado e devendo ao mercado que tem um movimento constante. Para esse sujeito, que “se constrói endividado, imbuído de culpas e remorsos por não conseguir alcançar aquele lugar (inexistente) que se pede que alcance” (LORENZI, 2014, p. 76), “o pior erro é permanecer parado” (LORENZI, 2014, p.06). Refletindo sobre tais apontamentos, percebemos que encontram sustentação em alguns fragmentos das redações:

[...] quanto mais aprendemos, mais estamos conscientes de que sempre há margem para melhorias, que é um ponto de vista positivo, pois sempre podemos ir mais longe e **aprender algo para a nossa carreira ou para o nosso próprio crescimento pessoal.** (R 20, grifos nossos). Estamos vivendo tempos políticos difíceis e, mais do que nunca, está na hora de a educação [...] proporcionar às pessoas a oportunidade que elas precisam e merecem: **serem elas mesmas, alcançando o crescimento pessoal e profissional.** (R 70, grifos nossos) Nos tempos modernos, vivemos em um mundo rodeado por todos os tipos de mudanças, seja em um nível macro ou micro, e **espera-se que possamos superar tais dificuldades para sermos bem sucedidos.** Embora muitas pessoas acreditem que manter o poder econômico ou político é um fator chave para **subir na vida**, nada é mais importante hoje em dia do que ter uma educação sólida. [...] Espera-se que a educação seja dinâmica, mostre coisas que você pode encontrar no mundo real, além de ter que **prepará-lo para enfrentar qualquer disputa ao longo do caminho.** [A educação deve permitir às pessoas] perseguir **sua melhor versão [...].** (R 22, grifos nossos)

Retomando os conceitos de padrão, esperança e culpa, como propostos por Bauman (2001), percebemos nos excertos postos em evidência que o crescimento do indivíduo em sua carreira profissional é o próprio *padrão*, ou seja, aquilo que o sujeito cobiça e que o incita, sob a promessa de que haverá sempre futuros melhores. Sob a crença de que a educação é uma das ferramentas dessa engrenagem, o sujeito se vê constantemente na obrigação de aprender pois, conforme demonstra o sociólogo, o padrão está sempre a um ou dois passos de ser alcançado. Não basta, portanto, possuir de forma estanque um conhecimento ou habilidade, ao contrário: “sempre há margem para melhorias”, como afirma o candidato 20, justificando que os investimentos em educação devem estar sempre em andamento. Assim como a promessa de um futuro melhor é eterna, também o é a responsabilidade de fazer o máximo de esforço possível para persegui-lo. É o que se observa na enunciação “estamos conscientes de que [...] sempre podemos ir mais longe para aprender algo para a nossa carreira ou para o nosso próprio crescimento pessoal” (R 20), pois pesa sobre o sujeito a responsabilidade de cumprir com esse movimento que é

característico de nossa sociedade. Investir em si mesmo não significa necessariamente mudar de lugar, mas sim investir em constante mudança, nem que seja para conseguir se manter no mesmo lugar, pois “nesse mundo poucas coisas são predeterminadas, e menos ainda irrevogáveis. Poucas derrotas são definitivas, pouquíssimos contratemplos, irreversíveis; mas nenhuma vitória é tampouco final.” (BAUMAN, 2001, p. 78).

A noção de globalização faz com que orbitem ao seu redor uma série de outros imperativos que funcionam *com e a partir* dela, somando-se umas às outras. Ao mesmo tempo em que é preciso conhecer novas culturas, é necessário estar conectado às informações e às pessoas, sendo isso possível por causa do avanço da tecnologia e dos meios de comunicação disponíveis. Na ponta desse complexo de imperativos, encontra-se a LI que, de acordo com o candidato 60, “assume um papel de união diante deste gigante mundo cultural cada vez mais globalizado e acessível a todos”. O que propomos discutir, no entanto, é que, ao mesmo tempo em que se cria uma complexa rede discursiva para descrever os atributos referentes à aprendizagem da LI, há a emergência da construção de um universo de possibilidades do qual ficam de fora os sujeitos que não se instrumentalizam na língua. Para esses indivíduos haverá consequências, como não desfrutar dos melhores empregos, não obter ajuda profissional ou não conseguir consultar artigos e informações na Internet, conforme escrito na redação 68. Como consequência, não saber o idioma implicaria na perda de oportunidades de trabalho oferecidas pelo mercado, como, por exemplo, quando um candidato falou que “é necessário saber inglês com fluência para desfrutar de altos salários e bons lugares para viver em Dubai” (R 51).

Ao afirmar que a aprendizagem ou a não-aprendizagem da LI demarcam a posição dos sujeitos dentro de uma sociedade, segregando de um lado o conjunto de pessoas que têm compreensão da língua e do outro todos aqueles a quem o universo da LI é negado, fala-se de processos de inclusão e exclusão. Assim, emerge outro enunciado que se entrelaça ao primeiro discutido até aqui. “As pessoas que não sabem inglês estão em desvantagem em relação às que sabem”. Ao discutirmos os processos de inclusão e exclusão, nos apoiamos em Loureiro e Lopes (2015) que se referem à inclusão de forma ampla, mencionando os vários processos presentes nas esferas políticas, econômicas, digitais e educacionais. Dessa forma, é importante pensar e problematizar as formas como as práticas inclusivas são operadas, pois “[...] se entende que a inclusão é uma invenção da Modernidade e, como tal, está constantemente sendo modificada, atualizada e

ressignificada”. (LOUREIRO; LOPES, 2015, p. 330). As autoras explicam que, na lógica do neoliberalismo, a ênfase das escolas pende para o ensino de outras formas de comportamentos, dentre elas as formas de *conceber a si mesmo*, as formas de *ser*, de *se relacionar*, de *se comunicar*, de consumir, de competir e de interagir. Assim, a capacidade do sujeito de se manter em contínuo processo de aprendizagem é um dos principais motores para que esses comportamentos se desenvolvam, por dois motivos:

Primeiro, para que os sujeitos aprendam a fazer investimentos em si mesmos e com isso aumentarem as suas condições de empregabilidade. Segundo, espera-se que, assumindo tal responsabilidade, o sujeito também se torne responsável pela condução das suas condutas e dos outros, desonerando, ou pelo menos minimizando paulatinamente, o Estado de determinadas obrigações para com a população. (LOUREIRO; LOPES, 2015, p. 334).

A partir do Estado neoliberal, espera-se que o sujeito se sinta responsável por todas essas condições de empregabilidade e outras mais, como a qualidade de vida e o sucesso. Dessa forma, aprender a LI torna-se um objetivo claro aos sujeitos que participam dessa sociedade, no sentido de que consideram o investimento na aprendizagem dessa língua como uma forma de construir uma carreira e de se tornar mais competitivo no trabalho, tal como expõem alguns dos excertos das redações: “No Brasil, muitas empresas multinacionais exigem o inglês para cargos altos” (R20) e “Tem se tornado cada vez mais comum nos anúncios de emprego: ‘inglês é necessário’” (R33). Se o mercado era antes, por excelência, lugar de massa ou de consumo, ele transmuta-se em espaço para investimento. Daí sua excelência para uma nova racionalidade política cuja essência seja a instituição de uma dinâmica concorrencial. Em uma lógica onde os indivíduos se sentem constantemente na obrigação de assumir riscos e de se responsabilizarem sozinhos por eles mesmos, veem-se inseguros quando percebem o números altos de desemprego, ao mesmo tempo em que criam situações de rivalidade com todos a sua volta. Guiados por processos e políticas de subjetivação, os indivíduos estão cada vez menos capazes de se desvencilhar de tais valores apregoados pelo mercado. Longe de tornar supérflua a necessidade de um governo, o mercado antes o convida a atuar como seu árbitro. Um governo é essencial para a determinação das ‘regras do jogo’ e para pô-las em vigor, uma vez que o mercado reduz sensivelmente o número de questões a serem decididas por meios políticos, minimizando a extensão em que o governo tem de participar diretamente do jogo (FRIEDMAN, 1984).

Aos indivíduos, por outro lado, é oferecida uma vasta gama de opções, às quais eles respondem tornando-se responsáveis por suas conquistas e fracassos. Alguns fragmentos das redações que ecoam essa noção são os seguintes:

Educar tornou-se um constante desafio nas vidas dos professores, pois eles devem se atualizar constantemente. (R 21) O mundo e a humanidade são difíceis, portanto, a educação hoje deve ser mais difícil, não de forma incorreta, mas de uma maneira que permita às pessoas perseguir sua melhor versão [...] (R 22). Ter o emprego dos seus sonhos em uma grande empresa também dependerá de quão competente você está falando inglês. [...] **Seja um trabalhador dedicado e adicione inglês à sua vida, as chances são: você estará um passo mais perto do sucesso!** (R 68, grifos nossos)

Os excertos apontam para a responsabilização do sujeito pois, de acordo com os candidatos, são os professores que devem se atualizar constantemente e é cada indivíduo que deverá perseguir (individualmente) sua melhor versão. Da mesma forma que se atualizar é uma maneira de permanecer atrativo para o mercado, é uma necessidade não se deixar excluir do universo de possibilidades que se abrem por meio da LI. Ou seja, se você quer sucesso, deve investir no inglês e trabalhar duro para isso! Ao dizer que “ser competente em inglês define se você terá o emprego dos sonhos”, o sujeito toma a responsabilidade para si, em uma composição de sentidos que lhe mostra que cabe a ele optar por fazer a escolha certa e tornar-se bem-sucedido, ou fazer a escolha errada e arcar com as consequências do fracasso. Se por meio de práticas e regras implícitas somos conduzidos a entrar e nos mantermos no jogo econômico do neoliberalismo, este estudo apresenta uma série de evidências que apontam para a LI como uma dessas regras que auxiliam na regulação do mercado, convidando a todos para fazer parte desse jogo e, ao mesmo tempo, criando suas próprias formas de in/exclusão. Enunciações como “Se você souber falar inglês, você estará anos à frente dos outros” (R 65) mostram a vontade de participar em um jogo de mercado que seleciona apenas alguns. Além de enfatizar a possibilidade de concorrência, esse dizer evidencia desejo pela mudança, de possuir algo que antes não se possuía, como uma posição que o indivíduo alcançará após aprender a LI pois, como vimos, o sujeito contemporâneo se sente em necessidade constante de movimentar-se, de querer sempre mais. Ao projetar a LI como uma senha de acesso às empresas de ponta e às organizações flexíveis, cujo perfil de empregado é o indivíduo capaz de aprender novas capacitações, sendo inovador, dinâmico e pró-ativo, os candidatos

legitimam o idioma como um dos atributos de capital humano que servirão como uma forma de selecionar “talentos” em potencial para a instituição. No livro “A cultura do novo capitalismo”, Sennet (2008) afirma que as empresas testam e avaliam os empregados para que sejam admitidos ou, em muitas vezes, recompensados pelos seus talentos. No entanto, os mesmos testes e avaliações servem também de forma mais decisiva, para que o fracasso seja atestado e, portanto, legitimado. Nas palavras do autor:

Na sociedade moderna, especialmente em instituições dinâmicas, a busca do talento efetivamente funciona num contexto de inclusão social. Os mesmos testes, avaliações e datas importantes que recompensam os melhores servem de base para descartar outros, abaixo deste nível de elite. [...] As burocracias costumam tentar legitimar a dispensa de camadas ou categorias de empregados alegando que permanecem apenas os mais capazes. (SENNET, 2008, p. 106).

Formulações como conhecer e até mesmo dominar uma segunda língua fazem com que tanto o desempenho na escola quanto no mercado de trabalho cresçam e ajudam a corroborar com os motivos descritos pelos candidatos para aprender a LI como um meio de se obter o emprego desejado. Fazendo deslizar os sentidos, poderíamos entender que, ao mesmo tempo em que inclui os trabalhadores falantes de inglês no competitivo mercado de trabalho, mostra que seria quase impossível para os trabalhadores não falantes da LI o acesso a um futuro com oportunidades de trabalho, visto que falar inglês é algo que pode decidir se você vai conseguir o emprego ou não (R 01). Os excertos até aqui apresentados demonstram que é preciso saber inglês para tomar o lugar que o *outro* não pode ocupar porque não possui conhecimento do idioma, gerando a exclusão daqueles que não o falam. Assim, o grupo de trabalhadores que não se dispuser a aprender a LI estará fadado a manter-se à margem do mercado de trabalho, “pois não há chance de ascensão, dentro do sistema capitalista, para aqueles que não se submetem às suas regras” (SANTOS, 2009, p.61). Dessa forma, “aprender a língua oficial nos negócios em todo o planeta” (R 01) seria uma das regras que atuam em nosso sistema capitalista contemporâneo.

É possível reconhecer em nossa sociedade o sucesso profissional e a ascensão financeira alinhados com um discurso da globalização e do mercado de trabalho. O grupo de trabalhadores que não possui tal predicado estará, no entanto, à margem do mercado, cabendo a esse grupo de excluídos os empregos menos importantes, em empresas igualmente menores. Isso significa dizer que no mundo do trabalho da era globalizada,

uma das regras ditadas é a obrigação do sujeito em dominar a LI. Assim, a inclusão nesse grupo “privilegiado” de quem fala inglês implica na existência de exclusão daqueles que não buscaram a oportunidade de aprendê-lo. A “boa” oportunidade de emprego, como referida em algumas redações, está condicionada ao recrutamento de trabalhadores sob o único requisito de falar inglês com fluência. Fazendo uma leitura do que aqui não está dito, resta interpretar que os maus empregos são aqueles que não exigem o conhecimento do idioma. Ou seja, entende-se que os empregos obtidos sem o requisito de conhecer inglês serão empregos de má qualidade. A predicação “altos” para qualificar os substantivos salários e cargos, por seu turno, também recorrentes no material empírico, movimenta os sentidos na direção de empregos economicamente melhores do que aqueles obtidos por quem não fala a LI. Caberão, a este grupo, os empregos com remuneração menor, em cargos igualmente menores.

Poderíamos perguntar, então: Que emprego é esse que o sujeito deixará de conseguir se não souber falar inglês? Bem, podemos assumir uma hipótese: um imaginário de emprego onde as forças do imperativo da globalização atuam. Aquele da grande multinacional, do “mundo acelerado”, da “concorrência”, do “aprender continuamente”. Como diz o candidato da redação 60, “muitos são os benefícios que envolvem o indivíduo que domina outras línguas”. Dentre esses benefícios, destacamos a recorrência com que aparece a associação entre saber a LI e obter o emprego desejado, sendo essa relação sempre embasada pelo pano de fundo da globalização e do avanço dos meios de comunicação e informação. É nesse sentido que percebemos a aprendizagem da LI como um imperativo, uma obrigação, pois essa língua se destaca como uma ferramenta que age em consonância com o “mundo de hoje”, ao qual o sujeito precisa se adaptar para sobreviver. Alinhada com a lógica de concorrência neoliberal, a LI permite, de acordo com o material analisado, que o indivíduo esteja em posição de vantagem em situações de emprego e em sua vida pessoal. Ao mesmo tempo, posiciona em lugares de desvantagens aqueles que não a dominam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção, que encerra o artigo, temos o propósito de discutir algumas implicações do estudo apresentado para a área da Educação e, mais especificamente, para

a LI. Com o objetivo de examinar sentidos atribuídos à aprendizagem da LI na contemporaneidade, tomando como materialidade empírica redações de candidatos à vaga de docente de inglês em uma instituição de ensino profissional no RS, evidenciamos a constituição de dois enunciados circulando no discurso educacional: “Para se adaptar ao mundo em que vivemos, saber inglês é uma obrigação” e “As pessoas que não sabem inglês estão em desvantagem em relação às que sabem”. A primeira implicação diz respeito às questões teórico-metodológicas que ampararam a realização do estudo. Em especial, consideramos pertinente discutir a relevância de efetivarmos pesquisas envolvendo a análise do discurso de inspiração foucaultiana na área da Educação. Nesse sentido, buscamos seguir o que Luiz et al (2019) mencionam no trabalho realizado sobre a aplicação da análise do discurso nas investigações do campo educacional. Para eles, a importância desse referencial teórico é possibilitar uma compreensão do que os enunciados que circulam em nossa sociedade representam sobre os sujeitos, os conhecimentos e a nossa própria forma de vida. Assim, “apreendemos que a Análise de Discurso pode trazer valiosas contribuições ao campo educacional, permitindo-nos ressignificar os diferentes lugares-sujeito que cada professor, diretor, aluno, pai e outros profissionais da educação ocupam nessa arena de significações” (LUIZ et al, 2019, p.436). Conhecer as verdades presentes em nossa sociedade, cientes que foram produzidas por relações de saber e poder, pode ser o primeiro passo para problematizá-las e, quem sabe, desconstruí-las.

A segunda dimensão que gostaríamos de mencionar é que, assim como as pesquisas já realizadas sobre sentidos atribuídos à aprendizagem da LI, citados na primeira seção do artigo, em nosso estudo também foi possível verificar que o inglês é posicionado como uma ferramenta importante para tornar os sujeitos mais qualificados e produtivos na sociedade contemporânea. Porém, diríamos que nas redações examinadas há um pequeno deslocamento que nos permitiu afirmar que dominar a LI passa a ser uma *obrigação*. Talvez essa ênfase possa estar ligada ao fato de que a seleção docente é direcionada para a atuação em uma escola profissional que, de um modo geral, conduz os processos pedagógicos visando à melhor preparação dos estudantes para o mercado de trabalho. Dessa forma, dominar a LI possibilita, na visão dos candidatos, não só adaptar os sujeitos ao mundo em que vivem, mas ir além, encontrando melhores oportunidades na vida pessoal, acadêmica e, principalmente, profissional. Nesse sentido, podemos considerar a

LI e a educação elementos estratégicos da sociedade neoliberal, que tem como princípio central a regulação das atividades e dos comportamentos dos indivíduos, buscando “programá-los e controlá-los em suas formas de agir, sentir, pensar e de se situar diante de si mesmos, da vida que levam e do mundo em que vivem” (GADELHA, 2009, p.178). É nesse contexto, mostrando-se como a língua para que o sujeito usufrua de diversos benefícios, que a obrigação de aprender inglês vem se produzindo em nossa sociedade, inscrevendo os sujeitos que a dominam em um quadro de posições privilegiadas em relação aos que não falam o idioma. O trabalho tentou demonstrar que a LI permanece sendo vista como uma língua extremamente relevante, passando a absorver a responsabilidade de lidar com um panorama bastante latente em nossa sociedade: das interlocuções planetárias, da força devastadora do fenômeno da globalização, do apelo por conhecer o que é diferente; da necessidade de acompanhar o que é de amanhã e esquecer o que é de ontem. Enfim, características assumidas pela sociedade pós-moderna, que se mesclam e também atualizam características como o imperativo de que cada pessoa seja sua própria gestora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Silvano. A mercadorização do inglês e suas representações por professoras em formação continuada. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ALMEIDA, Felipe Quintão et al. Bauman & a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 128p.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 110p.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258p.

BREDEMEIER, Maria Luísa. O Português como segunda língua nas escolas da migração alemã: um estudo do Jornal da associação de professores teuto-brasileiros católicos do Rio Grande do Sul (1900-1939). Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

ECO, Umberto. Quase a mesma coisa. Rio de Janeiro: Record, 2007. 492p.

FERREIRA, Renan Castro; **MAZZILLO**, Isabella. A Língua Inglesa no Brasil como o mercado quer: necessária, mas inalcançável. Travessias Interativas, São Cristóvão, v. 10, n. 22, p. 138–150, jul./dez. 2020. Disponível em: <
<https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/15322>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. Cadernos de Pesquisa, São Luis, v. 8, n.114, p.197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 239p.

_____. A ordem do discurso. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 79p.

FRIEDMAN, Milton. Capitalismo e Liberdade. São Paulo: Abril Cultural, 1984. 236p.

GADELHA, Sylvio. Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 240p.

LEITE, Patrícia Mara Carvalho Costa. Yes, vamos correr para “dominar” a língua: como a língua inglesa é representada em dois textos da veja. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2013.

LONGARAY, Elisabete Andrade. Globalização, antiimperialismo e o ensino de inglês na era pós-moderna. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LORENZI, Fabiane Langon. Um herói contemporâneo em Você S/A: problematizando a produção do sujeito empreendedor. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LOUREIRO, Carine.; **LOPES**, Maura Corcini. A promoção da inclusão digital e a constituição do Homo oeconomicus accessibilis. Educação, v. 38, n. 3, p. 329-339, set./dez. 2015.

LUIZ, Maria Cecília et al. Análise do discurso nas pesquisas em educação: perspectivas foucaultianas. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, v. 13, n. 2, p. 425-437, maio/ago. 2019. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3354/832>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MIRANDA, Nilva Conceição. Ensino de língua inglesa no Brasil, políticas educacionais e a formação do sujeito da educação básica. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zigmunt Bauman. Tempo Social, São Paulo, v. 16, n.1, p. 301-325, jun. 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12427/14204>>. Acesso em: 19 mai 2021.

PRADO, Daniela Faria; **MORATO**, Rodrigo Altair Morato. A redação do Enem como gênero textual-discursivo: uma breve reflexão. Cadernos CESPUC de pesquisa: série ensaios, Belo Horizonte, v.1, n. 29, p. 205-219, 2016.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola, 2003. 144p.

RESENDE, Nair Resende; **SOUZA**, Ana Cláudia. A atividade tradutória e a relevância da leitura: legibilidade e leiturabilidade de textos humorísticos traduzidos. Revista Gatilho, Juiz de Fora, v. 13, n. 7, p. 1-15, set. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/26986>>. Acesso em: 19 mai 2021.

SANTOS, Marla Soares. Relações de poder: análise do discurso de duas escolas idiomas. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SENNETT, Richard. A cultura do novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2008. 190p.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 154p.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 191p.

WILLIAMS, James. Pós-Estruturalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 255p.